

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 21 | Nº 62 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.15263634>



DOS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO AO DEEP STATE – COMO AS TEORIAS CONSPIRATÓRIAS INFLUENCIAM O PENSAMENTO DE EXTREMA-DIREITA NOS ESTADOS UNIDOS E BRASIL

André Silva de Oliveira¹

Rodolfo Silva Marques²

Resumo

O incremento da extrema-direita ao redor do planeta reclama estudos mais acurados para entender os fundamentos teóricos que orientam seus partidos e movimentos. O bolsonarismo e o trumpismo, cujo exemplo o movimento brasileiro procura emular, se apoiam, em larga medida, nas chamadas teorias da conspiração como método eficaz de mobilizar amplas parcelas do eleitorado ao mesmo tempo em que serve como apelo atraente em luta contra a legitimidade das instituições democráticas. As teorias da conspiração, do qual Os Protocolos dos Sábios de Sião é um exemplo clássico, recebeu recentemente as sombras dos poderes constituídos para solapar a vontade popular na arena pública. O objetivo do estudo é, portanto, desvelar criticamente como os referidos dois movimentos de extrema-direita recorrem às teorias da conspiração para constrianger as instituições da democracia liberal enfraquecendo seus mecanismos de controle constitucional. A metodologia empregada consiste na revisão da literatura sobre o tema confrontando-a com a literatura institucionalista do tempo presente, sobretudo a que trata da tensão entre “morte” e resiliência da democracia, para analisar criticamente como as teorias da conspiração permeiam o pensamento político do bolsonarismo e do trumpismo. Nossa principal conclusão sugere que as teorias da conspiração assumem um status essencial na constituição do núcleo duro do pensamento político da extrema-direita americana e brasileira, servindo simultaneamente para tentar deslegitimar as instituições democráticas e suas elites políticas anatematizando-as, bem como para manter a coesão coletiva dos referidos partidos e movimentos apelando para o medo e a insatisfação popular diante de presumidas ameaças internas e externas.

Palavras-chave: Estado Profundo; Extrema-direita; Teorias da Conspiração.

Abstract

The rise of the far-right around the world demands more accurate studies to understand the theoretical foundations that guide its parties and movements. Bolsonaroism and Trumpism, whose example the Brazilian movement seeks to emulate, rely largely on so-called conspiracy theories as an effective method of mobilizing large sections of the electorate while also serving as an attractive appeal in the fight against the legitimacy of democratic institutions. Conspiracy theories, of which The Protocols of the Elders of Zion is a classic example, have recently been used by the powers that be to undermine the will of the people in the public arena. The aim of this study is, therefore, to critically reveal how the aforementioned two far-right movements resort to conspiracy theories to constrain the institutions of liberal democracy by weakening their mechanisms of constitutional control. The methodology used consists of reviewing the literature on the subject, comparing it with the institutionalist literature of the present time, especially that which deals with the tension between “death” and the resilience of democracy, to critically analyze Our main conclusion suggests that conspiracy theories assume an essential status in the constitution of the hard core of political thought of the American and Brazilian extreme right, serving simultaneously to try to delegitimize democratic institutions and their political elites by anathematizing them, as well as to maintain the collective cohesion of the aforementioned parties and movements by appealing to fear and popular dissatisfaction in the face of presumed internal and external threats how conspiracy theories permeate the political thinking of Bolsonaroism and Trumpism.

Keywords: Conspiracy Theories; Deep State; Far-right.

¹ Doutor em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: portocalle62@gmail.com

² Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com



INTRODUÇÃO

O avanço da extrema-direita ocupa a agenda pública mundial, especialmente a acadêmica, com os *scholars* procurando encontrar explicações plausíveis para a resiliência e a expansão dos movimentos oriundos dessa parte do espectro político que atacam as instituições das chamadas instituições da democracia liberal, especialmente o sistema tradicional de partidos, suas elites políticas e econômicas.

A ideia de enfraquecer e, não raro, erodir as instituições da democracia liberal para substituí-las por regimes autoritários integra a maior parte dos projetos da extrema-direita (*alt-right*). Tais movimentos ostentam um ideário que predica contra a globalização econômica acusando as elites que a promovem de adotarem políticas públicas socialmente excludentes, de modo a fortalecer sistemas políticos somente democráticos na aparência, mas plutocráticos em sua essência. Esse discurso encontra forte reverberação entre os chamados excluídos da globalização econômica como, por exemplo, os trabalhadores brancos do Meio Oeste norte-americano que se veem como vítimas das elites da Costa Leste, mais cosmopolitas e liberais. Daí decorre o mote *America First* (MAGA) de Donald Trump cuja mensagem possui conteúdo claramente antiglobalização econômica. O retorno do republicano à presidência dos Estados Unidos revitaliza a discussão aqui proposta porque importa conhecer os fundamentos do ideário que impulsiona o movimento que lidera.

Contudo, um aspecto relevante não muito explorado na literatura em Ciência Política tem sido escrutinar como a ideologia *alt-right* se escora fortemente nas teorias da conspiração, um mecanismo útil para, a um só tempo, falsear a realidade e justificar erros ou maus resultados apresentados por seus governos. A análise crítica do problema se torna relevante quando se tem mente que as teorias da conspiração servem de poderosos incentivos para os movimentos autoritários e se inserem, ainda que reflexamente, nos marcos dos debates atuais envolvendo a equação “morte” *versus* resiliência da democracia como se verá no presente estudo.

O trabalho apresenta os seguintes tópicos: Marco conceitual-metodológico empregado; As teorias da conspiração como mecanismo de mobilização e convencimento; As teorias da conspiração como motor da extrema-direita brasileira; A força das teorias conspiratórias na direita alternativa americana; Análise comparativa das teorias da conspiração do Brasil e dos Estados Unidos; Considerações Finais; e, por fim, Referências.

Um quadro comparativo no tópico - Análise comparativa das teorias da conspiração do Brasil e dos Estados Unidos – sintetiza as principais diferenças e convergências entre os dois movimentos políticos no tocante ao manejo das teorias da conspiração.



Nossas principais conclusões são de que as teorias da conspiração compõem o núcleo central de tais movimentos políticos servindo ao propósito de deslegitimar as instituições da democracia representativa do tipo liberal, bem como manter a coesão de suas bases sociais fornecendo-lhes um substrato ideológico de defesa e ataque em face das elites políticas e econômicas que supostamente oprimem o cidadão comum aprisionando-o a interesses plutocráticos que subvertem a democracia.

MARCO CONCEITUAL-METODOLÓGICO EMPREGADO

Teorias da conspiração se constituem claramente um conceito polissêmico sendo, portanto, muito difícil extrair da literatura uma única explicação que sintetize toda sua extensão ou significado, já que integram um grupo de teorias desconexas que ostentam objetivos políticos ocultos e são frequentemente apócrifas. Pode-se, no entanto, afirmar que possuem alguns elementos constitutivos comuns como o descolamento da realidade e, portanto, pouco ou nenhum compromisso com a verdade factual e/ou histórica, bem como apresentam em seu cerne a necessidade inelutável de apontar inimigos ou ameaças externas que necessitam ser combatidos com vigor e, não raro, até eliminados ou, quando menos, deportados para a necessária proteção da sociedade, de suas tradições e costumes comunitários e, por extensão, do próprio país. Como se verá no trabalho, o livro de conteúdo panfletário *Os Protocolos dos Sábios de Sião* é, sem dúvida, o exemplo mais paradigmático nesse campo de estudo.

Recorrendo exclusivamente à revisão da literatura sobre o tema e confrontando-a com a ascensão dos movimentos de extrema-direita no Brasil e Estados Unidos com o tratamento que lhe confere a literatura institucionalista, o presente estudo espera extrair os pontos distintos e convergentes entre as teorias da conspiração perseguidas pelo bolsonarismo e trumpismo. Trabalhos de revisão de literatura não envolvem análises de banco de dados, mas, ainda assim, podem ser muito úteis para especialistas e interessados no tema enfocado, afinal, toda pesquisa científica começa com a formulação de teorias que depois são submetidas aos ensaios de teste e erro.

A discussão proposta importa porque os movimentos *far-right* demonstram ter pouco ou nenhum apreço pelas regras do jogo democrático e utilizam com grande eficiência as redes sociais para divulgar *conspiracy theories* que objetivam deslegitimar as instituições da democracia liberal.

Portanto, o esforço metodológico consiste em identificar criticamente tais elementos teóricos que servem de substrato ideológico de natureza autoritária a partir da confrontação sugerida entre os movimentos brasileiro e norte-americano e tendo como panorama de fundo a literatura relativa à equação “morte” *versus* resiliência da democracia.



AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO COMO MECANISMO DE MOBILIZAÇÃO E CONVENCIMENTO

Antes de adentrar no núcleo central desse tópico, urge mencionar, ainda que sucintamente, o debate existente na literatura em ciência política sobre o problema da “morte” *versus* resiliência da democracia. Nesse relevante aspecto, merece especial atenção o livro icônico *Como as democracias morrem* (2018), dos cientistas políticos norte-americanos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, que escrutinou como a erosão das democracias liberais ocorre no tempo presente de forma gradual por meio da supressão da independência das instituições de controle horizontal – como o Judiciário, por exemplo, notadamente de suas cortes superiores – e da criação de constrangimentos institucionais à atuação da oposição leal. Levitsky e Ziblatt (2018) compararam o processo de erosão gradual a uma partida de futebol na qual primeiro se retira a autonomia do árbitro (o Judiciário), depois se invertem as regras do jogo para beneficiar o incumbente de perfil autoritário (regras eleitorais) e, por fim, se interdita os principais jogadores adversários (líderes da oposição). O livro provocou acerbos debates sobre a “morte” *versus* resiliência da democracia, sobretudo no campo acadêmico, com alguns *scholars* sustentando que se tratava de um processo autoritário global irreversível, ao passo que outros argumentaram que os ataques às instituições democráticas não eram fáceis de obter bom êxito.

Todavia, Levitsky e Way (2023) reviram suas posições anteriormente catastróficas para afirmar que as democracias eram mais resilientes do que se supunha não sendo fácil erodir suas instituições políticas como intentam fazer líderes autoritários. Entre nós, Marcus André Melo e Carlos Pereira (2024) sustentaram que as instituições políticas brasileiras foram suficientemente resilientes para repelir os ataques autoritários oriundos do movimento bolsonarista. Levitsky e Ziblatt (2024) publicaram ainda o livro *Como salvar a democracia* expressando preocupações com a criação de salvaguardas constitucionais capazes de evitar o colapso da democracia, um tema árido e, até onde vemos, sem remédio efetivo por assim dizer. As teorias da conspiração importam para essa discussão porque fornecem, em larga medida, o substrato ideológico para os movimentos políticos de extrema-direita no Brasil e nos Estados Unidos.

As teorias da conspiração estão presentes na trajetória da história política do Ocidente e tem alguns pontos em comum sendo o mais conhecido o que sustenta que forças ocultas operam para acelerar o fracasso ou até mesmo a queda de governos populares, de modo a frustrar a execução de uma agenda política e econômica que beneficie o homem comum. Nas sombras, reduzidas elites políticas e econômicas decidiriam o destino de países, continentes e até do próprio planeta em favor de seus interesses oligárquicos, nem sempre coincidentes – ou quase nunca convergentes – com os dos cidadãos



comuns. Os governos, mesmo quando constituídos a partir de eleições livres, justas e equitativas, não passariam de uma miragem na qual se realizaria o interesse público democrático, mas, na verdade, estariam, como todo o resto, a serviço das poderosas elites ou forças ocultas. Cabe ponderar que as teorias da conspiração são utilizadas também pela esquerda do espectro político, não raro, para apontar a atuação nas sombras de poderosas corporações econômicas que subvertem a vontade e/ou orientação de governos populares, mas não é este o escopo do presente *paper*.

Livro emblemático nesse campo da literatura, certamente o mais conhecido e, portanto, comentado, é o *Protocolo dos Sábios de Sião*. Esse famoso livro apócrifo, mas cuja autoria é atribuída à polícia política do czarismo, surgiu no início do século XX e descreve um plano judaico ambicioso de dominação mundial. Interessante constatar que os judeus não possuíam então um Estado nacional, ainda se encontravam sob a grande dispersão – ou diáspora – e já tinham sido alvo de *pogroms* na Rússia dos czares. Essa situação de natural fragilidade institucional em razão de ser um povo apátrida, deslocado, não impediu, todavia, que fosse apontado como a grande ameaça mundial a ser combatida. Na literatura sobre *conspiracy theories*, o banqueiro judeu Rothschild é sempre apresentado como protótipo do poder econômico avassalador que se sobrepõe e triunfa sobre o poder político dos países cristãos.

No caso dos *Protocolos*, todos os vinte e quatro capítulos do livro, a maioria muito curtos, trazem afirmações contundentes e até cínicas sobre o projeto judaico de dominação mundial destinado a criar um “Governo Supremo” como se observa do seguinte trecho:

De nós promana o terror que tudo invade. Temos a nosso serviço homens de todas as opiniões, de todas as doutrinas; restauradores de monarquias, demagogos, socialistas, comunistas e toda sorte de utopistas; atrelamos o mundo inteiro ao nosso carro: cada mina de seu lado os derradeiros restos do poder esforçando-se por derrubar tudo o que ainda se mantém de pé. Todos os Estados sofrem com essas perturbações, pedem calma e estão dispostos a tudo sacrificar pela paz, mas não lhe daremos paz enquanto não reconhecerem nosso Governo Supremo abertamente e humildemente.

O povo se pôs a gritar que é necessário resolver a questão social por meio dum acordo internacional. A divisão do povo em partidos pôs todos esses partidos à nossa disposição porque para sustentar sua luta de emulação é preciso dinheiro e nós é que temos o dinheiro” (1991, p. 102).

Em alguns capítulos, *Os Protocolos* mencionam a franco-maçonaria e até o comunismo como associados aos judeus na execução do plano de dominação mundial:

Sob nossa direção, o povo destruiu a aristocracia, que era sua protetora e sua ama de leite natural, porque seu interesse era inseparável do interesse do povo. Agora que a aristocracia foi destruída, ele caiu sob o jugo dos açambarcadores, dos velhacos enriquecidos que o oprimem de modo impiedoso.



Nós apareceremos ao operário como libertadores desse jugo quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas, anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretexto de solidariedade entre os membros de nossa franco-maçonaria social (1991, p. 84).

É claro que forjar um inimigo público implacavelmente perigoso – os judeus com suas ações secretas – associados às forças políticas que convulsionavam a Rússia – como os anarquistas, os comunistas, etc. - servia aos propósitos de propaganda do regime czarista. De outro lado, é possível constatar que foram *Os Protocolos* que lançaram a teoria conspiratória – muito adotada por outras a seguir – de que haveria um conluio universal envolvendo a judeu franco-maçonaria a qual se associam os liberais e até os comunistas formando, assim, uma poderosa coalizão cuja atuação é sempre oculta e com impactos deletérios sobre os governos de todo o planeta.

Não se pode desprezar o alcance mundial dos *Protocolos*, já que sua mensagem segue reverberando até hoje no seio da chamada direita alternativa (*alt-right*) brasileira e norte-americana como se verá adiante. Não é sem motivo que o famoso financista húngaro judeu George Soros é um dos alvos preferenciais dos ataques dos adeptos da direita alternativa – foram *Os Protocolos* que pavimentaram esse caminho ideológico que hoje se observa em todos os lugares, incluindo as redes sociais.

No livro *O Complô no Poder* (2022) Donatella di Cesare afirma que o filósofo político austríaco Karl Popper abordou academicamente as teorias da conspiração nas obras *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* e ainda em *Conjecturas e Refutações* tratando-as como resultado de uma mentalidade primitiva ou visão irracional. Todavia, Cesare considera que as teorias da conspiração vão muito além do que analisara Popper constituindo-se em uma causalidade diabólica decorrente de uma paixão metafísica:

Não se trata simplesmente de mentalidade primitiva ou de uma visão irracional – como sustenta, entre outros, Popper. A questão é mais profunda. Seguindo Nietzsche, pode-se dizer que a causalidade diabólica seja uma paixão metafísica. Procura-se a causa, isto é, identifica-se o sujeito culpado que se esconde nos bastidores, esse agente maléfico, dotado do poder soberano de prejudicar, esse inimigo único e absoluto que se esconde no retromundo obscuro. Na oposição maniqueísta de claro e escuro, bem e mal, que caracteriza a Metafísica, o inimigo absoluto encarna o Mal tenebroso. Tudo é permitido para se defender contra esse agente destruidor. (CESARE, 2022, p. 39).

Cesare prefere utilizar o termo complotismo para designar os estudos das teorias da conspiração (*conspiracy studies*), assim classificando-o:

O complotismo é a reação imediata á complexidade. É o atalho, o caminho mais simples e rápido para fazer vir à tona um mundo atualmente ilegível. Quem recorre ao complô não suporta o desassossego, a questão em aberto. Não tolera habitar uma paisagem mutável e instável, não



aceita estranheza. Mostra-se incapaz de se reconhecer, junto com os outros, exposto e vulnerável, desprotegido, mas por isso mais livre e mais responsável.

Obviamente, eleger um inimigo público como responsável pelo atual mal-estar político e social se constitui em um caminho útil para líderes populistas-autoritários pavimentarem sua trajetória rumo ao poder servindo como mecanismo eficaz de mobilização e convencimento coletivo. Assim, no pacote de inimigos públicos entraram no passado a franco-judeu-maçonaria associada aos liberais e comunistas e hoje os vilões são os liberais globalistas, organizações não governamentais, ambientalistas, assim como outras categorias, grupos sociais ou ideológicos que porventura defendam a permanência de sociedades abertas com o conseqüente livre trânsito de ideias, pessoas e mercadorias. Em síntese apertada e com uma fluidez impressionante, pode-se afirmar que Rothschild foi substituído por George Soros sem alterar substancialmente o modelo mental concebido pelos *Protocolos*. As teorias conspiratórias relativas ao Estado Profundo (*Deep State*) e QAnon beberam igualmente dessa mesma fonte autoritária, profundamente antidemocrática e iliberal.

AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO COMO MOTOR DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

309

Os Protocolos dos Sábios de Sião encontraram em Gustavo Barroso, líder integralista e notório antissemita, um entusiasmado divulgador de sua mensagem no Brasil. Barroso foi o autor de *Brasil Colônia de Banqueiros* (1989), livro no qual destila seu agudo sentimento antissemita e elege como um dos alvos preferenciais nada mais, nada menos do que o banqueiro Rothschild, bem como afirma que *Os Protocolos* não eram uma falsificação, mas uma realidade confirmada por uma sucessão de fatos históricos. Nesse sentido, Barroso tenta estabelecer uma narrativa histórica favorável à veracidade dos *Protocolos*:

Bismarck, num discurso ao Landtag prussiano, pedia que “os cristãos fossem emancipados dos judeus”. Em 1869, Gougenot-Desmousseaux mostrava o judeu agindo na sombra, - meia dúzia de indivíduos dessa raça, donos do ouro e das associações secretas, dando ordens ao mundo inteiro. Em 1887, Calixto de Wolski, baseado nos documentos irrefutáveis de Brafman, dava a publicidade o segredo desses domínios nos países moscovitas. **E, enfim, em 1906, a formidável dos chamados dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, embora apregoados como uma falsificação, veio confirmar ponto por ponto os libelos acusatórios anteriores** (1989, p. 24)

Ecoando o núcleo central da ideologia integralista que, por sua vez, emulava o fascismo italiano, Barroso anatematizou o Estado liberal-democrático e o capital apontando-os como afrontadores aos princípios da família e da nação decorrentes da civilização cristã:



O Estado liberal-democrático, adotando todas as normas do liberalismo econômico, facilitou a expansão dessa força dominadora. Havendo todos os povos erigido um culto de suas homenagens, esse novo Deus passou a oprimir os governos, assoberbar os Estados, na sua marcha avassaladora. Tendo-se facilitado tudo ao capital, este passou a atentar contra os princípios da civilização cristã como sejam o **princípio da família e o princípio da nação**. (1989, p. 24-25).

Por fim, Barroso (1989, p. 49) aduz às dívidas contraídas pelo Brasil, legado transmitido do Império à República, junto ao banco da família Rothschild:

Tínhamos sido uma colônia dos Rothschild e somente dos Rothschild porque, pelas operações feitas subsequentemente às contratadas com outros banqueiros, eles haviam monopolizado todas as nossas dívidas.

Ao analisar o pensamento político de Barroso, Marcos Maio (1992) pondera que, para o líder dos integralistas, o judaísmo fizera uso instrumental do liberalismo para minar “o espírito cristão” ao incentivar o egoísmo e o individualismo, tudo com escopo de “criar condições para a absolutização da opressão, o que viria a acontecer com o surgimento do comunismo”.

Esse substrato ideológico subsiste hoje no movimento conhecido como bolsonarismo. Não há nele o componente antissemita que caracterizou o pensamento político de Barroso – aliás, nem todos os integralistas eram antissemitas -, já que o ex-presidente Jair Bolsonaro evoca frequentemente Israel como modelo político-religioso, em claro afago às igrejas de denominação evangélica, cada vez mais numerosas e engajadas em política, que veem a Terra Santa como uma perene referência espiritual. Os católicos têm, por exemplo, o Vaticano como principal referência religiosa e não Jerusalém. Mas a ideia central segundo a qual poderosas forças políticas ocultas atuam nas sombras para subverter a vontade coletiva subsiste. E é verdadeiramente grande o guarda-chuva que abriga tais forças ocultas como se observa do texto Ernesto Araújo, ex-ministro do Exterior do governo Bolsonaro:

Podemos chamar todo esse conjunto de “globalismo”. Trata-se, fundamentalmente, da globalização econômica capturada pelo marxismo, fenômeno que começou logo após o fim do bloco soviético e se intensificou a partir de 2000, embora seus impulsos destrutivos tenham raízes milenares. O globalismo nasceu quando a globalização capitalista, ao esquecer o espírito, entregou-se inconscientemente ao comunismo em sua metástase pós-soviética, ou seja, o marxismo de Gramsci e da New Left, da Revolução Cultural (tanto a ocidental quanto a chinesa), que sempre almejou ocupar o lugar do capitalismo por dentro em vez de enfrentá-lo de fora, e hoje está conseguindo. O atual modelo maoísta e sua crescente expansão pelo mundo é uma das principais expressões e resultados dessa triunfante penetração do capitalismo pelo marxismo (ARAÚJO: 2020, p. 2-3).

Essa visão antiglobalização que permeia o bolsonarismo remete claramente ao conceito de metapolítica (ou guerra cultural) defendida por Steve Bannon. Araújo (2020) pontua os grupos



envolvidos em uma “profunda e complexa trama de interesses” ao redor do planeta unindo “a grande mídia; o narco-socialismo (única forma de socialismo capaz de sobreviver no longo prazo); a corrupção; a bandidagem em geral (crime organizado); o sistema intelectual politicamente correto”, etc. Esse fabuloso *mix* de grupos políticos atuando secretamente para dominação do planeta soa – e é – como uma replicação atualizada do modelo mental obscuro produzido pelos *Protocolos*.

Ainda sobre o tema, o cientista político Francis Fukuyama (2023, p. 1) ponderou que a frase *Deep State* se originou em países como Turquia e Egito, mas foi apropriada pelos conservadores americanos como Steven Bannon para caracterizar a burocracia do país e justificar sua completa destruição:

A frase “Estado Profundo” originou-se em países como Turquia e Egito onde um complexo militar e de agências de segurança manipularam o sistema político e operaram de um modo completamente não transparente para afetar a política. Esta frase foi então apropriada pelos conservadores americanos e usada para caracterizar a burocracia americana; total destruição do “Estado Profundo” tem se tornado o item central da agenda para muitos populistas de direita.

É necessário fazer aqui um ponto de inflexão: tudo indica que Steve Bannon deixou de ser a principal referência intelectual para o recém-empossado presidente Donald Trump sendo substituído por outros ideólogos como, por exemplo, o empresário da área de tecnologia Peter Thiel, autor do ensaio *The Straussian Moment*. Embora não faça remissão às teorias da conspiração, ainda assim, Thiel investe contra a tradição iluminista ocidental apelando para o surrado argumento – recorrente em movimentos de extrema-direita - de que a intensificação do comércio global minou a espiritualidade do Ocidente sendo esta a causa de sua atual vulnerabilidade:

O Ocidente moderno perdeu a fé em si mesmo. No período do Iluminismo e pós-Iluminismo, essa perda de fé liberou enormes forças comerciais e criativas. Ao mesmo tempo, essa perda tornou o Ocidente vulnerável (THIEL, 2025, p. 207).

Não deixa de ser irônico que esse argumento seja defendido por um empresário bem sucedido do Vale do Silício – é co-fundador do Pay-Pal - e que sirva de substrato ideológico para um presidente que vem igualmente do mundo empresarial. Obviamente, quem já teve suas necessidades vitais satisfeitas pode se dedicar a divagações espirituais enquanto ignora os claros ganhos que a destruição criativa trouxe para a globalização econômica.

Cabe ponderar que, ao contrário dos norte-americanos e europeus ocidentais, o Brasil não tem enfrentado problemas relativos à questão migratória, razão pela qual a direita alternativa brasileira não produziu teorias conspiratórias do tipo a Grande Substituição (*Great Replacement Theory*) como se



observa do romance político *Submission* de Michel Houellebecq. No romance, é descrito ficcionalmente como um governo conduzido pela Fraternidade Muçulmana levaria à islamização progressiva, mas segura, da vida social na França. Desnecessário discorrer sobre o quanto tal tipo de relato, embora fictício, favorece o partido de Marine Le Pen cujo apelo contra a migração é unívoco.

Por fim, não será excessivo recordar que o ex-presidente Jair Bolsonaro alardeou insistentemente que a eleição de 2022 teria sido fraudada, também nos bastidores do poder, por atores políticos relevantes e instituições de controle horizontal como o STF, todos interessados em sua derrota eleitoral, embora não tivesse apresentado nenhuma prova concreta para abonar sua grave denúncia. Um expediente típico de *election fraud conspiracy theory* usado antes por Donald Trump para contestar a vitória eleitoral do candidato democrata Joe Biden.

A FORÇA DAS TEORIAS CONSPIRATÓRIAS NA DIREITA ALTERNATIVA AMERICANA

A direita alternativa norte-americana tem feito uso extensivo e, portanto, robusto das teorias da conspiração. No catálogo das teorias utilizadas entram o Estado Profundo (*Deep State*), o QAnon, a Grande Substituição, assim por diante. Tais teorias produzem incentivos à ação coletiva que beneficiam líderes populistas que abraçam as narrativas conspiratórias. Andreas Onnerfors (2021, p. 1) considera, por exemplo, que “há poucas dúvidas de que as teorias conspiratórias têm potencial para radicalizar seus crentes transportando-os das ideias para a ação”. Onnerfors (2021) recorda que, antes mesmo da invasão do Capitólio americano em 6 de janeiro de 2021, os manifestos terroristas - vindos dos chamados “lobos solitários” como, por exemplo, o do ataque às mesquitas da cidade de Christchurch, Nova Zelândia, em 2019 – estavam “saturados com imaginação conspiracional que fizeram possível a violência letal”. De fato, o manifesto divulgado por Brenton Tarrant, o terrorista de Christchurch, aduz ao crescimento demográfico dos imigrantes a ponto de suplantar e substituir completamente a população europeia nos campos racial e cultural (SHAKIR, 2019). A teoria da Grande Substituição mobilizou, portanto, Tarrant a transitar do plano das ideias para a da ação violenta e criminoso.

Onnerfors (2021) ressalta ainda a dicotomia produzida pelas teorias conspiratórias entre “nós” – o povo - e “eles” – as elites conspirativas -, um mecanismo que favorece a “imaginação populista”, incluindo a vitimização da massa de crentes a quem se dirige a mensagem de conteúdo conspiracional. Como principal liderança republicana apoiada, de resto, explicitamente por grupos supremacistas brancos, Donald Trump tem recorrido extensivamente às teorias conspirativas anatematizando simultaneamente os imigrantes, apresentados como criminosos, bem como as elites liberais da costa leste americana que são rotuladas como distanciadas do cidadão americano médio. Enders, Farhart e



outros (2022) ponderam que as elites republicanas no governo e na mídia, notadamente Donald Trump, utilizaram recentemente as teorias da conspiração de um modo sem precedentes no último meio século da política norte-americana trazendo, assim, consequências graves e deletérias para as instituições democráticas.

O QAnon é outra teoria conspirativa que merece destaque. Trata-se de uma teoria da conspiração abrangente e infundada que alcançou, inclusive, o *mainstream* político norte-americano (WONG, 2020). Os seguidores do QAnon – os *QAnonfollowers* – acreditam em teorias conspiratórias alarmantes e inconsequentes como as que apresentam políticos democratas, estrelas de Hollywood e bilionários como governantes do planeta - outra referência implícita aos *Protocolos dos Sábios de Sião* com a substituição da franco-judeu-maçonaria por novos grupos políticos e categorias de pessoas. Esses conspiradores planetários atuam no Estado Profundo (*Deep State*) e, fazendo apelo à imaginação bizarra e delirante, muitos seriam adeptos do satanismo, praticariam pedofilia, tráfico de pessoas, assim por diante, e somente Donald Trump poderia prendê-los e enviá-los para a Baía de Guantánamo. (WONG, 2020).

Se a classe política dirigente e as personalidades públicas relevantes – artistas, atletas e financistas – são apresentadas como expressões máximas de degeneração humana, a legitimidade das autoridades passa por um processo de erosão gradual aumentando, assim, a percepção pública de que, para superar o caos reinante, é necessário que algum líder, conectado às preferências do homem comum, venha restituir a ordem ou até inaugurar uma nova. Ou seja, o *establishment* político, econômico e cultural, profundamente atolado em corrupção e apartado do povo a quem devia servir, precisa ser removido das posições de poder e liderança, ainda que seja pela violência. Trata-se da velha fórmula populista na qual a liderança personalista, predicando contra a corrompida ordem política vigente, se sobrepõe aos controles e regras do jogo das instituições democráticas.

O potencial perigo produzido pela divulgação das ideias decorrentes das teorias da conspiração não pode ser minimizado. Grupos supremacistas brancos participaram ativamente da invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 como, por exemplo, o *Proud Boys* que se apresentam publicamente como “chauvinistas ocidentais” e já foram classificados como “grupo de ódio” pela organização Southern Poverty Law Centre e até como grupo terrorista pelos governos do Canadá e da Nova Zelândia.

Trump teria dito que “Ou o *Deep State* destrói a América ou a América destrói o *Deep State*” sendo que, na perspectiva do líder republicano, ele, e mais ninguém, *é a América*. Há sinais de que os planos de Trump não ficarão meramente no plano retórico, mas consistem em, por exemplo, demitir cerca de 50 mil servidores públicos federais que não lhe demonstrarem porventura lealdade pessoal (LUCE, 2024).



De qualquer modo, as teorias conspiratórias fornecem abundantes elementos ideológicos para que a direita alternativa mobilize seus milhares seguidores apelando, se for necessário, para ação violenta que, no limite e no pior cenário projetado, poderia resultar em uma inédita guerra civil opondo os defensores das instituições da democracia liberal aos acólitos de Donald Trump, determinados a destruir o Estado Profundo (*Deep State*) para inaugurar uma nova ordem política.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NA POLÍTICA DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS

Antes de comparar as teorias da conspiração no Brasil e Estados Unidos, importa ressaltar que os dois movimentos de extrema-direita experimentam hoje momentos políticos muito distintos. Nos Estados Unidos, o republicano Donald Trump está de volta ao poder, ao passo que no Brasil o ex-presidente Jair Bolsonaro se tornou alvo de perseguição criminal em virtude de seu suposto envolvimento no evento traumático de 8 de janeiro de 2023. Ainda assim, o viés autoritário dos movimentos que lideram resulta em uma aproximação estreita, inclusive no tocante ao apelo a modelos comuns de certas teorias da conspiração.

Ambos, por exemplo, estigmatizam constantemente o Judiciário criticando suas decisões de modo desarrazoado para dizer o mínimo. Recentemente, o governo Trump deportou para El Salvador um grupo de imigrantes venezuelanos atropelando, assim, uma decisão judicial que vetava tal ação. O episódio rendeu uma crítica pública ao governo feita pelo presidente da Corte Suprema, órgão de cúpula do Judiciário norte-americano, John Roberts, que lembrou que “por mais de dois séculos, foi estabelecido que o *impeachment* não é uma resposta apropriada para discordâncias sobre uma decisão judicial” acrescentando que “o processo normal de revisão (judicial) existe para esse propósito” (ROBERTS *apud* POPLI, 2025).

Ao falar de *impeachment*, o magistrado Roberts se referia à tentativa do presidente Trump de requerer o impedimento do juiz James Boasberg que decidira contra a deportação dos venezuelanos. Trump retrucou que o juiz singular que decidiu contra a referida deportação era de “esquerda” fomentando, assim, uma teoria da conspiração que sugere que o Judiciário norte-americano não decide de modo imparcial, mas orientado por preferências políticas divergentes do governo republicano. No Brasil, o STF é alvo permanente de ataques do movimento bolsonarista – o então deputado Daniel Silveira ameaçou, em rede social, matar o ministro Alexandre de Moraes e, no geral, os bolsonaristas entenderam que o fato se inseria nos marcos do direito de expressão garantido pela Constituição de



1988, bem como a ação repressiva que se seguiu contra o parlamentar configurou censura, o que é vedado por regra constitucional, e sinal de incremento do autoritarismo do sistema político brasileiro.

Outro ponto convergente recai sobre a teoria conspirativa globalista segundo a qual a globalização econômica seria dominada pela esquerda liberal mundial, adepta do movimento *woke*, redistributivista e plutocrática. Em interessante artigo, Felipe Loureiro (2023) concluiu que a teoria da conspiração globalista forneceu oportunidades ideológicas para coesão e mobilização do movimento bolsonarista ao centrar sua narrativa na defesa do povo e/ou nação como ente único e indivisível.

As diferenças entre os dois movimentos se devem muito mais às especificidades de cada país. O problema migratório nos Estados Unidos levou o presidente Trump a apresentar os imigrantes como inimigos a ser combatidos forjando uma teoria da conspiração segundo a qual somente a deportação massiva dos estrangeiros ilegais resultaria em proteção da sociedade norte-americana, inclusive pela redução dos índices de criminalidade. Trata-se de uma especificidade norte-americana não verificada no Brasil.

Semelhanças e diferenças à parte, estudos empíricos futuros devem se debruçar sobre o que leva de grupos de eleitores a optarem por acreditar em teorias da conspiração, ainda que sejam confrontados com a evidente falsidade de tais construções teóricas. O estudo de Adam Enders *et al.* (2022) tentou responder se os republicanos acreditariam mais em teorias da conspiração do que os democratas – a conclusão do trabalho é que há pouca diferença entre os eleitores de esquerda e os de direita no tocante ao referido problema de pesquisa.

Para melhor compreensão dos pontos convergentes e distintos, segue abaixo quadro comparativo entre os dois movimentos político no tocante ao uso das teorias da conspiração (TC).

Quadro comparativo entre Brasil e EUA no tocante às TC

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO	BOLSONARISMO	TRUMPISMO
Globalismo liberal de esquerda	X	X
Fraude Eleitoral	X	X
<i>Deep State</i>	-	X
Imigrante como ameaça	-	X
Judiciário aparelhado pela esquerda	X	X
QAnon	-	X

Fonte: Elaboração própria.

Evidentemente, os casos constantes do quadro acima não são terminativos, isto é, admite-se que pode haver outras teorias conspirativas não mencionadas nele. Por exemplo: a probabilidade de que o Brasil passe por um processo político gradual de neocomunicação – ou venezualização – é um tema recorrente apontado como ameaça à democracia pelo movimento bolsonarista. O Fórum de São Paulo,



que reúne um conjunto de partidos e grupos de esquerda na América Latina, é sempre lembrado como uma ameaça latente para a democracia brasileira e, por óbvio, não está na agenda pública do presidente Donald Trump tratar do tema com a ênfase que lhe dá o movimento liderado por Jair Bolsonaro.

De qualquer modo, como mostra o quadro comparativo acima, há mais semelhanças do que divergências no recurso às teorias conspirativas entre os movimentos de extrema-direita brasileiro e norte-americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Protocolos dos Sábios de Sião se constituem em um documento marcante no campo das chamadas teorias da conspiração obtendo ampla repercussão tanto no passado como agora no Brasil e nos Estados Unidos. Boa parte das novas teorias da conspiração adota o modelo mental que emerge dos *Protocolos* atualizando-o para os contextos políticos do tempo presente como aponta o estudo. Assim, por exemplo, o banqueiro Rothschild do passado foi hoje substituído pelo financista húngaro George Soros sendo ambos – e não por acaso – judeus.

As teorias da conspiração servem, a um só tempo, para anatematizar os adversários políticos atribuindo-lhes os piores vícios, crimes ou falhas de caráter sem nenhum compromisso com a verdade real, bem como para mobilizar a militância de extrema-direita. O QAnon, a Grande Substituição, o Estado Profundo, dentre outras teorias, fornecem um arsenal ideológico e instrumental perene de luta política, de modo a permitir a transição da mera retórica populista-autoritária para a ação coletiva. Tal situação fática pode, no limite, transbordar para o recurso deliberado à violência contra o *establishment* político, econômico e cultural, sobretudo nos Estados Unidos com o retorno do presidente Donald Trump à Casa Branca.

O presente texto buscou, ainda, identificar os pontos distintos e convergentes entre os movimentos brasileiro e norte-americano no tocante ao uso recorrente das teorias da conspiração. Tratou-se de um esforço teórico-metodológico destinado a contribuir para o ainda incipiente debate sobre o tema no Brasil.

Os estudos sobre teorias da conspiração devem ganhar novo impulso considerando que estão presentes no jogo político pelo seu uso extensivo pelos partidos e movimentos de extrema-direita e, como pensamos ter demonstrado, pelos potenciais danos que podem causar às instituições democráticas.

Pesquisas futuras de natureza empírica podem levar em conta a penetração das teorias da conspiração junto à opinião pública e/ou ao eleitorado a fim de identificar o seu êxito ou fracasso no manejo de tais arcabouços teóricos – não pode ser ignorado o fato de que os movimentos de extrema-



direita utilizam com grande sucesso as redes sociais no Brasil e Estados Unidos. O presidente Donald Trump tem sua própria plataforma digital, a True Social, bem como o megaempresário Elon Musk, responsável pelo programa conhecido como DOGE (*Department of Government Efficiency*), é proprietário da plataforma X (Ex-Twitter).

Conspiracy theories servem ainda à criação de narrativas que, por sua vez, informam os discursos políticos que, como foi ressaltado no trabalho, podem objetivar erodir as instituições da democracia, especialmente o Judiciário a quem cabe o controle dos atos praticados pelos incumbentes no exercício do poder. Como se sabe, líderes autoritários são poucos afeitos aos controles constitucionais e, portanto, à prestação de contas.

Pesquisas empíricas avançadas, de natureza multidisciplinar, devem levar em conta também identificar porque grupos de pessoas, embora confrontadas com a verdade, seguem, ainda assim, acreditando em teorias da conspiração.

Enfim, trata-se de um campo de pesquisas a ser explorado por acadêmicos e interessados no tema considerando os seus potenciais impactos deletérios sobre o jogo político.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. “Por um Reset Conservador-Liberal”. **Metapolítica** 17 [2020]. Disponível em: <www.metapolitica17.com.br>. Acesso em: 31/12/2020.

BARROSO, G. **Brasil Colônia de Banqueiros**. Porto Alegre: Revisão Editora Ltda, 1989.

BARROSO, G. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre: Revisão Editora Ltda, 1991.

CESARE, D. **O Complô no Poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

ENDERS, A. *et al.* “Are Republicans and Conservatives More Likely to Believe Conspiracy Theories?” **Political Behavior**, vol. 45, 2022.

FUKUYAMA, F. “In Defense of Deep State”. **Asia Pacific Journal of Public Administration**, vol. 46, n. 1, 2024.

HOUELLEBECQ, M. **Submissão**. São Paulo: Editora Alfaguara, 2015.

LEVITSKY, S.; WAY, L. “Democracy’s Surprig Resilience”. **Journal of Democracy**, vol. 34, n. 4, 2023.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como salvar a democracia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2024.



LOUREIRO, F. “Conspiracy Theory and the Foreign Policy of the Far Right: The Case of Jair Bolsonaro (2019-2021)”. **Contexto Internacional**, vol. 45, n. 2, 2023.

LUCE, E. “Trump’s Real Plans for Deep State”. **Financial Times** [2024]. Disponível em: <www.ft.com>. Acesso em: 30/12/2024.

MAIO, M. **Nem Rothschild Nem Trotsky: o Pensamento Antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.

MARCUS, A. M.; PEREIRA, C. **Por que a democracia brasileira não morreu?** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2024.

ONNERFORS, A. “How radical Right conspiracy theories drive populista mobilisation”. **Centre for Analyses of Radical Right** [2021]. Disponível em: <www.opendemocracy.net>. Acesso em: 25/12/2024.

POPLI, N. “O que saber sobre John Roberts, o presidente do Supremo Tribunal que desafia Trump”. **Time** [2025]. Disponível em: <www.time.com>. Acesso em: 12/03/2025.

SHAKIR, K. **Dissecting Myths of a Great Replacement – A Critical Discourse Analyses of the Christchurch Attack Manifesto** (Thesis Communication Studies and Cultural Encounters Global Humanities). København: Roskilde University, 2019.

THIEL, P. “The Straussian Moment”. **Gwer.net** [2025]. Disponível em: <www.gwern.net>. Acesso em: 12/02/2025.

WONG, J. “QAnon explained: the antisemitic conspiracy theory gaining traction around the world”. **The Guardian** [2020]. Disponível no sítio: <www.theguardian.com>. Acesso em: 10/01/2024.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 21 | Nº 62 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima